Associação Psicanalítica de Porto Alegre- APPOA

Para uma Escuta...nos dias de hoje

"*Alguma coisa está fora da ordem/*

fora da nova ordem mundial"

Caetano Veloso[1]

"*O que chamamos hoje "castração", o que chamamos "alteridade" e quais são suas incidências sobre o mal-estar de nossa época?*

O Outro e os outros – nossos semelhantes – são estruturalmente necessários para nossa constituição subjetiva: não há sujeito sem sua inscrição no campo do Outro. O Outro faz parte de nós, essas vozes nos falam e falam por nossas bocas sem que o saibamos. Vozes de desejo ou de amor, mas também de ódio e rejeição."

Excerto do argumento do Colóquio

Não precisamos compreender muito rapidamente, afirmava Lacan no seminário 1 e continuava; na verdade os psicanalistas se interessam por aquilo que não compreendem. Cito: "é na base de uma certa recusa da compreensão que empurramos a porta da compreensão analítica" (24/02/54). Esta era uma outra maneira de retornar a Freud que, em seus conselhos aos jovens terapeutas, já advertia para evitar o "furor curandis".

Então, temos que ter cuidado com afirmações muito peremptórias (explicar muito rapidamente), a respeito de algo que nossa experiência clínica nos apresenta. Em nossas concepções quando escutamos aquilo que é impossível de compreender, que nos deixa atordoados, estamos lidando com algo da ordem do real.

Simultaneamente, estamos advertidos de que não se trata de fazer psicanálise aplicada (como se pudéssemos fazer nossa Weltanschaung) num relativismo que, em última instancia, também seria uma tentativa de contornar a castração. Não reconhecer nossos limites. Posição não muito diferente do que identificamos nas tendencias de nossa atualidade: demanda de instantaneidade, atribuição de gozo e de saber na tecnologia e, em consequência, desencargo (isenção) da responsabilidade do sujeito, que pode levar à violência contra o outro como um de seus efeitos.

Furo no saber, contingência como operador lógico.

[1] https://open.spotify.com/intl-pt/track/1Sd8ttUlcuF8FXEDc625mt?si=b29c6f653ceb44e4

A experiência psicanalítica nos ensina que o futuro não está garantido e os fragmentos são fundamentais.

Como nos situamos frente ao diagnóstico/leitura que fazemos da realidade? Qual nossa implicação nisso? Dizendo de outra maneira, como lidamos com nossas identificações, transformadas em identidade, que por vezes parecem insuficientes para fornecer uma garantia que sabemos impossível?

Dialogando com os pares (como estamos fazendo aqui e outros locais) e com outros saberes que desde sua lógica própria se ocupam de enfrentar o mal-estar contemporâneo. Por exemplo, tomando uma proposta do filósofo Yuk Hui[2] que se ocupa em pensar as transformações tecnológicas e geopolíticas que vivemos: se a América, Ásia e a Europa devem conceber novos modos de confrontar o capitalismo, a tecnologia e a planetarização (ou globalização), isso não deve ocorrer nem por meio de uma neutralização das diferenças nem de um retorno à tradição, mas por meio de um reconhecimento da singularidade e das possibilidades de reconstrução recíprocas resultantes do encontro do pensamento entre o Oriente e o Ocidente. Cabe perguntar, sem dúvida, como seria possível esse diálogo transversal quando o mundo todo está sincronizado e transformado por uma gigantesca força tecnológica.

Aqui o discurso do psicanalista pode contribuir; pois mesmo sob as condições mais precárias, o recurso à palavra é fundamental. Primo Levi nos relatou isso em *Afogados e sobreviventes*: a razão e a poesia não são suficientes para explicar o lugar de onde elas foram banidas, mas podem nos ajudar a inventar palavras necessárias e imaginar novos tempos. A contingência nos possibilita sustentar uma ética do não-todo (gozo outro) e do bem dizer. Esta articulação lógica e poética nos interessa; pois ela foi útil até nos momentos mais terríveis.

Sabemos das dificuldades que esta tarefa provoca, mas os psicanalistas também têm sua contribuição a dar no atravessamento do *unheimliche* e das *pequenas diferenças*. Em outros termos, o que isso poderia nos dizer? Parece evidente que a psicanálise, desde seus primórdios, propõe uma escuta onde o reconhecimento da divisão subjetiva e do outro diferente, seja básico. Mesmo que, por vezes, o sofrimento daqueles que escutamos seja por não se adequarem “à nova ordem mundial”, por se sentirem insuficientes ou rejeitados, impotentes para alcançar o sucesso e temerosos de se transformar em “loosers”. Cada sujeito, manifesta sua relação com o Outro e os outros de forma singular. A subjetividade é contingente com relação aos discursos que a estruturam. Pois, é contingencialmente formatada pelas condições do lugar. Onde o que se fala ou se cala e como se escuta está determinado pelas condições discursivas de um determinado lugar. Leia-se lugar desde o ponto

---

[2] Yuk Hui. Machine and sovereignty- for a planetary thinking. University of Minnesota Press. Minnesota. 2024
Yuk Hui. Post-Europe. Urbanomic Sequence Press. Falmouth, UK. 2024

de vista topológico e topográfico. Onde a experiência psicanalítica busca inserir modificações no tempo e no espaço.

Psicanálise é uma ajuda contra. Assim se manifestou Lacan várias vezes. Uma delas em 13/04/76 (dia de seu aniversário) ao responder à questão que lhe foi endereçada. “Creio que o psicanalista efetivamente só possa ser concebido como um **sinthoma.** Não é a psicanálise que é um **sinthoma**, é o psicanalista. É aí que eu respondo à questão que me foi colocada há pouco:
é que é o psicanalista que é, no final, uma ajuda, da qual, nos termos do Gênesis, podemos dizer que é, em suma uma inversão, pois o Outro do Outro é o que acabo de definir como um pequeno furo.
O fato de este pequeno furo poder, por si só, prestar ajuda, é precisamente onde a hipótese do Inconsciente tem o seu suporte”. (13/04/76)

Não há metalinguagem, nem Outro do Outro que dê conta permanentemente do pequeno furo que reside no trauma, no *troumatisme*. O mal-estar de nossa cultura segue sendo impossível de eliminar. E, por isso mesmo, continua sendo o motor de nossa possibilidade de “desejar o impossível”.

Assim, começando por reconhecer nossa implicação no sintoma que tentamos interpretar, simultaneamente, reconhecemos a impossibilidade de construir saídas isoladamente. O inconsciente não é uma língua. Sozinhos, perdemos a capacidade de sonhar, desejar e inventar algo novo. O outro é nossa fonte de mal-estar, mas também é nossa possibilidade de sair da endogamia que através de nossas identidades nos protegem, dos perigos do mundo; mas também nos aprisionam e cristalizam. No movimento, sustentando a aposta no inconsciente estruturado como uma linguagem, seguimos.

Porto Alegre, outono de 2025